A Tomada do Crato (*)

Fortaleza, 3 de novembro de 1915.

Illtre. amo. dr. Floro Bartholomeu da Costa.

Tenho sua carta de 15 do passado mez.

Nos termos amplos em que se ella encontra redigida, a resposta demandaria largo esforço e documentação, que não possúo. E' certo que vi quanto occorreu no Crato, antes, durante e após a revolução de Joaseiro, mas não tomei notas das occorrencias, e hoje somente com os recursos de minha memoria poderei referir o que observei.

Nunca pretendi fazer a historia daquelle movimento e sei bem que me resultaria falho o empenho em tentar agora uma empresa para a qual me encontro desapparelhado.

Respondendo, entretanto, á sua instancia, direi sempre alguma cousa de mais saliente.

Por motivos varios e de natureza complexa, crescia, ahi por 1913, no Estado e mais se avolumava na zona sul, uma intensa opposição ao governo do sr coronel Marcos Franco Rabello.

Os animos agitavam-se e surdiam ameaças, sem que cessassem as causas da agitação.

O governo revelava-se inhabil, inepto e desapercebido da evidente fraqueza resultante de lhe ser adversa a politica central, dirigida pelo sr. general Pinheiro Machado.

(*) Da "Gazeta de Noticias" de 10 de julho de 1928.

Pelos fins daquelle anno, v. voltava do Rio de Janeiro, acompanhado do dr. José de Borba Vasconcellos, e espalhou-se o boato de serem ambos portadores de importante missão partidaria. Os mais exaltados *rabellistas* do Crato e de outros pontos vizinhos, no intuito de falhar o perigoso trama, fizeram occupar as estradas e caminhos conduzentes ao Joaseiro, pondo em cada qual um piquete incumbido, segundo uns, de assassinar v. e o dr. Borba, segundo outros, de tomar-lhes grande copia d'armas e munições, que suppunham occultas no seu comboio.

Os dois, porém, conseguiram com habilidade extrema illudir as emboscadas e chegar sem damno ao seu destino.

Pouco depois, agentes do governo surprehendiam uma preciosa correspondencia politica destinada ao Joaseiro e isto, porque lhes contrariára os planos, irritou sobremaneira os chefes da opposição.

Por estas, ou por outras quaesquer razões, certo é que, em 9 de dezembro do referido anno, v. e os seus deram começo á conhecida revolução depondo as autoridades locaes e desarmando o destacamento policial.

Não se conheciam os fins do movimento e corria com insistencia que a villa pretendia fazer-se, com outros municipios vicinaes, um novo Estado da Federação.

Após a insurreição referida, de 9 de dezembro, os acontecimentos precipitaram-se e tumultuaram de tal maneira, que seria dificil narrál-os com precisão e chronologia.

Sei que a perspectiva era má para todos, de duvidas, ansias e perigos.

Que faria o coronel Franco Rabello? que tencionaria o Joaseiro? Todos duvidavam de que a revolta obtivesse exito, porque seria preciso vencer dificuldades apparentemente insuperaveis para chegar ao Crato, ao Iguatú, á Fortaleza, onde, em ultima hypothese, o governo se acastellaria. Era, por isto,

mais acceita a versão de que v. desejasse, apenas, propiciar uma intervenção do poder federal, que, certamente, lhe seria favoravel.

Nada, porém, se tinha em certeza, pois todas as communicações com os insurrectos estavam cortadas.

Um capitão de nome Ladislau, delegado de policia e commandante da 4.ª companhia do 2.º batalhão estadual estacionada no Crato, homem insensato e mau, praticou inutilmente quanto desatino poude no intuito, ao que se suppunha, de amedrontar os revoltosos.

O Joaseiro, porém, não se movia e aguardava o choque do inevitavel ataque, que os governistas já annunciavam. Aprestaram-se os soldados franquistas e os civis, a quem chamavam *patriotas*.

Eram, no geral, esses *patriotas* o que todos chamamos *cangaceiros* e vinham dos municipios proximos concentrar-se em Crato.

Rapazes, filhos de familias *rabellistas*, tambem se armaram, mas fôra logo de vêr que elles se não exporiam em uma lucta a valer. Calçavam vistosas alpercatas de polimento, punham chapéu de couro fino e revirado, lenço cuidadosamente laçado ao collo, punhal de phantasia, *rifle* polido e bornal feito com esméro, mal lembrando o sujo *gallinheiro do cabra* sertanejo. Tinham ares de quem fosse a uma batalha de mascarados na roça.

Mas os dias escoavam-se sem noticias do Joaseiro, cujos aprestos e recursos eram totalmente desconhecidos. Os franquistas, gritavam constantemente nas ruas do Crato, em comicios, em boletins, a destruição da *raça maldita dos romeiros*.

A cidade foi posta em sitio pelos governistas e depois das dezoito horas ninguem sahia, ou entrava sem ordem do capitão Ladislau.

Mandou este afiar os sabres dos seus soldados para degolar os *jagunços*, que eram os joaseirenses; esbofava-se em medidas inuteis e nada fazia de proveitoso á sua causa, porque nem sequer procuravam

descobrir os elementos de que o Joaseiro disporia na lucta imminente.

Não era grande o temor, visto confiarem todos na acção rapida e energica do governo, que embarcára sem demora todo o batalhão de policia.

Esse batalhão, segundo corria, transportava metralhadoras e canhões. Tambem, dizia-se, o Joaseiro possuia canhões e metralhadoras compradas e trazidos por v.

A 18 de dezembro, pela manhã, entrava no Crato a tropa, cujo effectivo não me pareceu exceder uns 500 homens. Canhões e metralhadoras não trouxera.

Ficavam, assim, ás ordens do governo, na cidade do Crato, onde se concentravam todos os recursos, cerca de 800 a 1.000 homens.

Embora heterogenea e desprovida de preparo militar, essa força teria sido bastante, se fôra bem guiada, para vencer os contrarios.

Soube-se depois, que nessa epocha os revoltosos dispunham de mui pouco armamento e de munição reduzidissima, além de serem gente ignorante das cousas da guerra e sem chefes competentes.

Mas o batalhão, tendo chegado a 18 e passado quasi todo o dia 19 em formatura, ao sol, logo a 20, cêrca de 10 horas, seguiu com os demais combatentes para o ataque.

Os soldados achavam-se estropeados da longa viagem de 28 leguas feitas a pé e não acharam descanso no Crato, de modo que me pareceram incapazes de um esforço serio e prolongado.

Sobretudo, porém, me impressionou a circumstancia de ter o commando desdenhado completamente um plano estrategico da campanha, e, até, o conhecimento topographico e militar da praça.

Achei, por isto, leviano o convite feito pelo commandante, na hora da sahida, aos seus amigos para, em companhia dos chefes revoltosos, jantarem á noitinha no Joaseiro!

Tão descautelosa confiança, entretanto, não deve ser levada á conta de ignorancia, ou pouco interesse porque ella assentava na crença arraigada, na opinião profundamente sentida pelos governistas de que se tratava de um simples motim, arruido sem valia, facil de esmagar.

Este pensar vinha de informações fornecidas pelos rabellistas do Crato e de outros logares, e de relatos de officiaes de policia inexperientes que o governo mandára, tempos atrás, ao Joaseiro, incumbidos de ver e estudar o meio e os homens.

Quem se tomaria de cuidados, dispondo de 1.000 homens, para fazer cessar um motim de jagunços? Seria, apenas, o aborrecimento de uma viagem estafante e a vantagem de uma facil diversão militar.

Convenceu-me disto o seguinte episodio: — Chegado o batalhão, fui, como juiz de direito da comarca, visitar a sua officialidade.

Em conversa com o commandante e o fiscal, este me declarou que atacariam a praça no dia seguinte. E como eu lhe perguntasse se a conheciam devidamente, respondeu: — Não é preciso. Aquillo não valia nada. Ao primeiro ataque, estabelece-se a confusão entre os jagunços; ao segundo, a debandada será geral e, então, nós poremos kerosene e tocaremos fogo no covil!

Enganavam-se.

Seguiram, como ficou dito, as tropas, tomando a estrada de São José, ou Estrada Nova, a mais larga, mais importante das que ligam o Crato ao Joaseiro, exactamente a mais propria para a marcha. No emtanto, por isso mesmo, essa estrada, bem que não devesse ser abandonada, não deveria ter servido para o ataque principal, porque seria de esperar que o inimigo a fortificasse com esmero.

Releva ainda notar que esse ataque era unico, feito a um tempo com as forças todas. Executado por infantaria, sem reconhecimentos prévios convenientes, sem preparo de artilharia, logo aos primeiros

disparos da fuzilaria adversa, que defendia a villa, a formação atacante se desfez, e a lucta proseguiu agindo os aggressores em pequenos grupos, conforme a conveniencia do momento.

Descobriu-se, logo ao primeiro contacto e com geral surpresa, a existencia de profundo e largo vallado com parapeito de terra alto e setteiras, constituindo tudo isto um serissimo obstaculo a trauspor para alcançar a villa.

Esse defesa circumdava todo o perimetro do Joaseiro, numa extensão de muitos e muitos kilometros e, por traz della, mascarados, os revoltosos atiravam de pontaria segura, sem o menor perigo.

Que fazer? Lançar as tropas contra os vallados e trincheiras, quando nem delles se podiam approximar? Não havia pontoneiros; não se via, ao menos, o adversario. Além disso tudo, os soldados e *patriotas* desconheciam a carabina *Mauser*, com que foram em bôa parte armados, de modo que as balas nem os edificios alcançavam, como depois se verificou.

Não tardou a impressão do inevitavel fracasso e o commandante, em face do irremediavel, fez a unica cousa possivel no sentido de velar um pouco a dura realidade: — Ficou atirotear com os revoltosos o dia todo, abrigando os seus homens em pedras, arvores e casas da redondeza.

Certo que esse tiroteio resultava em pura inutilidade para os atacantes, mas não era possivel recuar logo após os primeiros tiros.

Por outro lado, a inefficacia do fogo encorajava os atacados, que se defendiam cada vez mais animosamente.

Se bem que a fuzilaria perdurasse e fosse até á noute, desde cerca das 15 horas começaram a tornar ao Crato soldados desgarrados. A's 17 horas appareceu o primeiro official. Depois mais outro e, por volta das 20 e meia horas, o resto do batalhão e dos *patriotas* reentrava na cidade.

A consternação foi profunda entre os governistas sobretudo porque até á tarde as noticias lhes eram todas favoraveis.

Affirmava-se que logo ao primeiro embate as tropas ganharam o centro da villa e estavam luctando ora no mercado, ora na igreja tal, ora nas immediações da casa do revd. padre Cicero Romão, etc.

A volta do batalhão, porém, mostrou serem os boatos mentirosos e o caso do Joaseiro grave, não uma simples arruaça, como se suppoz. Entretanto, resultou a vantagem de se terem melhor conhecido as duas hostes oppostas.

No Crato o estado dos espiritos se transformou. Antes, nenhum rabellista dissera mal da acção das tropas, mas, depois, cada qual que mais acerba fizesse a sua critica.

O commando, já então sufficientemente esclarecido, mostrava-se ponderado e não falava em voltar ao combate.

Passaram-se, após o 20 de dezembro, longos dias em preparos. O povo esperava canhões e metralhadoras vindas de Fortaleza e enviadas pelo general Dantas Barreto, então governador de Pernambuco. Tambem viriam muitos soldados e civis para uma nova offensiva. Como a demora se fosse alongando, surgiu e cresceu a idéa de não esperar mais e quizeram levar um segundo assalto com os elementos existentes. Recusou-se, porém, o chefe das forças e declarou que não mais tentaria vencer Joaseiro com os recursos de que dispunha, por julgal-os insufficientes.

Aqui volto aos *patriotas* de alpercata de polimento. Elles tinham organizado um corpo de voluntarios e, ao chegar no Crato o primeiro batalhão, entregaram ao commandante uma relação dos alistados. O coronel mui promptamente declarou acceitar o *valioso* e espontaneo offerecimento, accrescentando que os *patriotas* ficavam desde logo sujeitos á disciplina.

O que faltasse ao serviço seria punido regimentalmente.

Foi um deus nos acuda!

Cada qual melhor procurasse o meio de se ver livre da rascada. O certo é que, no dia 20 de dezembro, daquelles valerosos patriotas uns cinco ou seis responderam á chamada.

Continuavam as tropas no Crato e a demora ia abatendo os animos.

As familias retiravam-se no receio de uma apregoada investida da gente do Joaseiro.

Quasi diariamente chegavam reforços de *patriotas* vindos de todo o sul do Estado e uma vez por outra entravam comboios de munições e soldados remettidos de Fortaleza. Havia, tambem no Crato, grande porção de bombas de dynamite levadas da Capital.

Acontecia, porém, que toda noite desertavam numerosos soldados e *patriotas,* de modo que o effectivo disponivel pouco ou nada crescia.

Nesse tempo já estava manifesto que o governo, por maior que fosse o seu empenho, não conseguiria gente bastante para dominar o inimigo em nova investida.

O commandante, coronel Alipio de Barros, radicava-se no proposito revelado de não mais se expôr sem bôas probabilidades de exito.

Um official do exercito, que apparecera no Crato, vindo do Joaseiro, onde fôra a mandado do Inspector da Região Militar, affirmou, em minha presença, que somente uns 3 ou 4 mil homens municiados e aguerridos conseguiriam transpor as defesas do Joaseiro e vencer as hostes que vira por lá. Os politicos, porém, não queriam attender a essas razões e accusavam o commandante de fraqueza, mêdo e até de connivencia na revolta. O certo é que obtiveram a destituição delle e a sua substituição pelo capitão Ladislau. As proezas anteriores desse capitão levaram

aos olhos de todos os homens sensatos a visão da perda fatal da causa governista.

A minguada confiança posta nas tropas, a intolerancia para os que não eram franquistas, o quasi desapparecimento da feira e do commercio com as consequentes difficuldades da vida, os constantes boatos de perigosas surpresas dos *romeiros*, as repetidas escaramuças com tiroteios e mortes effectuadas em todas as estradas, os alarmas nocturnos, innumeras outras vexações inevitaveis tornavam insupportavel a estadia na cidade e pouquissimos eram os que, não estando em armas, inda ali se encontravam.

Não pretendo nestas linhas mais do que traçar os contornos e saliencias dos acontecimentos, postas de lado as minucias de menos significação.

Consigno, todavia, uma referencia á historia burlesca de um *celebre* canhão, cuja lembrança nenhum contemporaneo terá sem a floração de um riso franco.

Espalhavam os rabellistas com alegre e vivo interesse a vinda de uma poderosa peça, na qual o seu artilheiro, inglez valente e experimentado, montava noute e dia, estrada em fóra, não se apartando della nem para dormir. Cada tiro desse prodigio mataria dezenas de pessôas!

Afinal, chegou ao Crato um pequeno canhão de bronze, typo seculo XVII, com um metro, ou pouco mais de comprido, fabricado em Fortaleza. O inglez artilheiro era um mytho. Embora evidentemente inefficaz, o engenho foi levado ás immediações do Joaseiro, no segundo ataque, mas os poucos tiros que deu redundaram numa excellente distração para os romeiros, que ao verem a bala voar vagarosamente por sobre os telhados esconjuravam-na e tangiam-na: — *Chôo! maldita...*

Afinal, o novo commandante decidiu a segunda investida.

Já não era sem tempo.

O sul do Estado soffria grandemente as consequencias da situação calamitosa, que se ia eterni-

zando. O Crato era uma ruina; as suas forças vivas aniquiladas, deserto dos moradores, as ruas inundadas de gente de toda especie e catadura coberta de armas; ao anoutecer remontavam-se nas esquinas as saccas de algodão á guisa de trincheiras, e durante o dia os "meetings" e os exercicios militares não permittiam descanso.

As ameudadas escaramuças nos caminhos, as emboscadas, as selvagerias e atrocidades commettidas por toda a parte geraram uma angustia insoffrivel e o geral desejo de acabar com aquillo.

Era, então, inverno copioso — as pesadas chuvas fizeram do solo um charco; as ravinas, corregos e vessadas transbordavam; a humidade penetrava tudo.

Apesar disto, resolvera-se pôr cêrco ao Joaseiro. Pretendiam enfraquecer-lhe a resistencia com permanente acção, que o obrigasse a um dispendio incomportavel de munição e que o reduzisse á fome.

No emtanto, a mim e a outros o assedio pareceu impraticavel, porque as forças sitiantes eram evidentemente exiguas. Nem mesmo operando uma subdivisão perigosa, os contingentes poderiam envolver toda a villa, tão vasta era ella. Demais, que damno poderiam soffrer os sitiados, revestida a praça de trincheiras altas e espessas, e não dispondo os sitiantes senão de fuzilaria e de uma fuzilaria desvairada? Como prolongar sufficientemente o bloqueio não tendo as tropas abrigos e vestimentas proprias, expostas, como ficariam, á chuva, ao frio e á humidade doentia? Que resistencia não dobraria ao aguaceiro, á lama do matagal e das estradas, quando o corpo vestia um leve uniforme de brim, ou a roupa safada do *patriota*, e os pés calçavam sapatos inadequados, alpercatas abertas, ou nem isto possuiam? E a alimentação pobre e mal preparada em trempes improvisadas?

Tudo isto era irremediavel. Mas tinha de ser assim e não houvera modos de não ser. Eu imagino esse doloroso periodo de nossa historia como uma

predestinação volvendo o seu destino sem logica e sem apoio até perder-se mysteriosamente na perplexão e no espanto de um exito estupendo colhido nas dunas alvas de Fortaleza.

Como quer que fosse, pela madrugada de 16 de janeiro de 1914 abalaram do Crato as tropas. Com os cotingentes, que de outros pontos seguiram, deviam todas ellas, segundo se dizia, orçar por uns mil e duzentos homens.

Talvez esse numero seja excessivo.

Durou o assedio, sob um aguaceiro constante, até o dia 23, em cuja manhãzinha se retiraram os sitiantes desesperados de qualquer triumpho, indo o grosso delles, com o commando, para Barbalha.

Apenas uma parte pequena veio para o Crato.

A operação nenhum damno causou aos revoltosos, os quaes nem interromperam os seus serviços de abastecimento de viveres, que iam diariamente buscar em São Pedro e alhures.

A *artilharia*, como já referi, foi uma pilheria e a peça não tardou em ir parar no quintal do revmo. Padre Cicero.

Os soldados revieram ao Crato em estado deploravel: sujos, rotos, exhaustos.

A significação do novo insuccesso era clara. Os amigos do sr. coronel Rabello, perdidas as esperanças de um auxilio de Pernambuco, achavam-se reduzidos a insignificantes elementos.

Tinha-se, agora, como imminente a offensiva dos joaseirenses e isto fez retirarem-se os ultimos moradores do Crato. As trincheiras reforçaram-se.

Fôra um desastre a mais a retirada do batalhão para Barbalha, porque sendo o Crato o centro da acção e a cidade mais importante da zona, sua conquista devia ser anhelada pelos revoltosos e surtiria grande effeito moral.

Aliás, a divisão das hostes franquistas seria de qualquer modo um erro. Embora duas vezes batidos,

os governistas talvez ainda podessem defender a cidade com exito se permanecessem unidos.

Era de esperar que os vencedores não desdenhariam as vantagens do momento, nem permittiriam que o tempo sanasse o mal resultante do desbarato recente.

Não se pouparam esforços no sentido de recolher ao Crato as forças abrigadas em Barbalha, redobrava a vigilancia na cidade e espalharam-se bombas de dynamite para o fim de serem jogadas contra os esperados invasores.

Iam as cousas assim, quando no dia 24, cêrca de 14 horas, chegou um rapaz annunciando que a Estrada Nova estava *coalhada de romeiros*. A principio a novidade foi tida por inveridica e ameaçaram de punição o annunciante, que teve de escapar ás pressas.

Logo, porém, veio a confirmação com os primeiros tiros disparados a uns dois kilometros das ruas, entre os *jagunços* e o posto mais avançado dos rabellistas, que era o antigo cemiterio dos colericos.

Seriam 15 horas. Os disparos succediam-se, ameudavam, baralhavam-se, emquanto na cidade, onde eram nitidamente percebidos, generalizava-se uma sensação indefinivel de terror para uns e de ansiosa espectativa para outros.

Batiam as portas e se afferrolhavam; cada qual procurava o melhor abrigo, ou o seu posto no combate, ou a mais segura maneira de fugir. A casa da Caridade e o Seminario regorgitavam. Houve scenas interessantes e dolorosas, sobretudo porque se affirmava que os romeiros sangrariam todos quantos pegassem.

A espingardaria approximava-se claramente pelo sector leste. Pelas 16 horas bateram á minha porta. Eram duas pessôas, que me pediam abrigo. Uma dellas, um negociante da cidade, estava descalço, ensanguentado, evidentemente sobresaltado. Trazia uma carabina, um embornal com poucas balas, cartucheira

á cinta, e disse-me que se achava no cemiterio já referido quando receberam os primeiros disparos. A lucta se travou sem tardança e foi viva. Elle com os seus companheiros atiraram sem cessar, mas os aggressores, atirando tambem, avançavam sempre.

Se um romeiro cahia morto, ferido, ou por tropeço, logo outro surgia em seu logar, de modo que o numero delles não diminuia. Occultavam-se esperando que se esgotassem os tiros da carga dos fuzis Mauser, com que muitos dos defensores estavam armados, e, precisamente no intervallo necessario á mudança do pente, avançavam atirando impetuosamente. Apesar do empenho de todos os defensores da velha necropole, fôra impossivel evitar o assalto e, por verem-se batidos, evadiram-se. Não queria mais brigar, pois se convencêra da impossibilidade de vencer aquelles *demonios;* considerava o Crato perdido; os jagunços eram numerosissimos, atiravam bem e já se encontravam na rua da Valla.

Realmente, os tiros já se ouviam mui pertos e estralejavam como cartas de traques. De nada serviram as avançadas e trincheiras postas nas ruas extremas, pois com a primeira investida tudo fôra de rojão.

Os disparos disseminavam-se por varios pontos até que, á tardinha, estouravam em todos os quadrantes. Todavia, observava-se muito bem que o norte e o nascente eram os logares mais atacados, e que o poente e o sul, com suas estradas do Seminario e do Lameiro, ficavam mais ou menos livres. Esta observação confirmou-se em todo o decurso do combate e posteriormente se soube que os insurgentes traziam ordens de deixar francas aquellas vias.

Essa medida foi uma fortuna para muitos, que escaparam sãos e se salvaram por ella de um mau fim.

Troavam os fuzis quasi sem cessar e assim foram noute a dentro, ora mais vivos, ora mais descançados, vezes quasi perdidos, para despertarem su-

bitamente roucos, chiantes e irados como trovões reboando na quebrada.

Houve intervallos maiores, de 10, de 20 minutos, mas elles eram o peor, o mais fatigante daquella agoniada ansiedade, porque pareciam uma dilação e todos anhelavam um fim proximo. Em cada momento se suppunha reconhecer numa descarga mais alentada o fogo do batalhão, que repetidas vezes fôra chamado de Barbalha e não viera nunca. — E' que o commandante Ladislau se espavorira e — nem ainda se rendera o Crato! já corria elle sobre a chapada do Araripe rumo a Fortaleza.

A tensão nervosa augmentava a acuidade auditiva e não se perdia um som. Percebiam-se imprecações, gritos, lamentos e estertores dos infelizes, que se offendiam estupidamente, sem motivos e até sem saber porque. No meio do infernal sussurro, como ingenua e bucolica evidencia da fé profunda dos romeiros, ouvimos estupefactos, lá por muito longe, na zona propriamente do perigo, o som de roufenha harmonica acompanhando a dolencia da conhecida oração popular:

Bemdita, louvada seja
Nossa Senhora das Dores.
Ella é a mãe de Deus
E, tambem, dos peccadores...

Mais outro canto. Agora, uma especie de ladainha á Nossa Senhora, que os bellicosos devotos entoavam ali para as bandas da rua da Valla, ou da Bôa Vista.

E de tal sorte se escoava a noute. Os pontos em que os tiroteios eram mais persistentes indicavam as trincheiras mais fortes. Lembro-me da tenacidade dos que defendiam certo posto da rua do Fogo, um quartel da praça São Vicente, a Intendencia e as casas dos srs. coroneis José Teixeira e Francisco Zabulon.

Mas em todo esse prolongado recontro uma cir-

cumstancia importante salvava os combatentes: — Elles atiravam encobertos em muros, casas, etc., de modo que pouco damnosa resultava a fuzilaria. As balas cravavam-se nas paredes, nas portadas, e mui raramente attingiam um imprudente. Tambem, sobre não atirarem com precisão, era noute e o inimigo só se revelava pelo clarão do tiro.

Na manhã de 25, cerca de 6 horas, houve um longo sueto. Soube-se, depois, que os romeiros exhauriram as munições. De Joaseiro, onde á noute mandaram buscar, poucos cartuchos vieram e com a declaração de não haver mais.

Tambem os rabellistas estavam em semelhante apertura.

Certo negociante da cidade, porém, forneceu aos atacantes alguns pacotes de balas com os quaes elles ultimaram a conquista da praça. Em todo esse interregno ninguem deixou o seu posto, mantendo ambos os lados as posições defendidas.

Do morro denominado Barro Vermelho, ao nascente da cidade, os insurgentes gritavam, durante o forçado descanso: — *Deixa estar macacos; ás 9 horas estaremos ahi. Vocês, macacos, não fujam.* E outras pilherias.

A's 8 horas recomeçou o fogo. Haveria no Crato, no começo da lucta, ahi por uns trezentos homens e com essa gente é que os romeiros se houveram. Parte della revelou valentia. Contaram-me de um homem, o criminoso Antonio Leite, retirado com outros mais da cadeia e incorporados aos governistas, que atirou até as mãos lhe ficarem em sangue, retirando-se somente quando já não podia usar a arma. Na rua da Valla um soldado morreu dando vivas ao coronel Rabello. Outros episodios dignos ouvi narrar.

Por outro lado, os mofinos ou espertos não esperaram grande perigo para se pôr em bom recato.

A dynamite não pudera ser utilizada, porque os atacantes não se descobriam; entravam em pequenos

grupos por uma face das casas e, passando daqui para ali, se iam postar onde mais lhes convinha.

A investida das 8 horas demonstrou que não tardava o final. Já eram poucos os nucleos de resistencia e não havia nada a esperar, nem tempo a perder. Por entre 9 e 10 horas os mais obstinados abandonavam os reductos e fugiam. Foi um *salve-se quem puder*. Os chefes, os homens mais decididos, que tiveram a coragem de combater até ali, escapavam-se tambem.

Alguns montavam cavallos; a maioria seguiu a pé, pelos lados abertos da cidade, palmilhando a lama das estradas.

Estavam definitivamente vencedores os romeiros e entraram por volta de 10 horas. Não houve perseguição aos vencidos.

Logo as ruas foram invadidas por uma grande massa de homens mal apessoados, sujos, maltrapilhos e famintos, trazendo á cabeça um grande chapéu coberto de panno encarnado e armados de espingardas de toda especie, do bacamarte ao Mauser. Grande parte conduzia apenas uma foice, um facão, um pau ferrado, qualquer cousa offensiva.

Essa gente, de quem tão mal se falava e que tanto terror infundia, cessada a lucta, nenhum damno pessoal causou a quem quer que fosse. Contaram-me, até, alguns casos interessantes, que demonstram o proposito dos vencedores.

— Um negociante, por exemplo, proprietario de certa loja na cidade, atirava pelos fundos de sua casa de residencia, quando romeiros, que penetraram pela frente do predio, o pegaram pelas costas! Póde imaginar-se o assombro, o estupor desse mal advertido guerrilheiro. Entretanto, os invasores limitaram-se a tomar-lhe as armas e a munição e hoje elle vive no Crato, podendo contar melhor o caso, que tão funda estupefacção lhe causou.

O primeiro acto dos invasores foi varejar todas

as casas no intuito de se apoderarem de armas, munições, milho, feijão, farinha e outros alimenticios.

Nesse momento as portas de minha casa foram por duas vezes atacadas a golpes, mas eu logo as abria e conseguia, allegando o meu cargo, obter o devido respeito. Numa dessas occasiões inquiri pelos chefes dos combatentes, sendo-me respondido que nenhum viera com elles; que conquistaram o Crato por si, obedecendo, apenas, a um companheiro mais graduado.

Tive, então, receio daquella malta sem chefes e sem direcção e pedi, que me guardassem a casa de novas investidas, sendo attendido.

Todas as lojas e habitações foram abertas, com ou sem arrombamento, mas não houve propriamente saque, porque os varejadores somente retiravam, como já disse, armas, munições e alimentos. Disto tive uma bôa prova. Minha casa abrigava varios rabellistas, que não quizeram, ou não puderam fugir corrente a lucta. Uma illustre familia minha vizinha, temerosa de que lhe houvessem roubado os valores abandonados, conseguiu mandar pessôa sua vêr o estado da residencia e o portador voltou trazendo varias joias e um vaso cheio de moedas de prata, que encontrara no meio dos objectos revolvidos e abandonados!

Ondas e mais ondas de povo chegavam, porém, do Joaseiro e essa gente esfaimada, cubiçosa e repellente, encontrando as casas abertas fez mão baixa em tudo.

Não sei se os guerrilheiros, arrependidos da maneira louvavel por que se tinham havido, ajudaram os furtadores, mas o certo é que foram accusados de terem esquecido ordens expressas do sr. Padre Cicero e dos outros chefes no sentido de se limitarem a tomar cousas de guerra e de bocca.

Somente a 26, ou 27 v. e o dr. Borba chegaram ao Crato, onde permaneceram até que, tomadas cer-

tas providencias, a cidade foi entregue ao sr. coronel Antonio Luiz Alves Pequeno.

Estava finda a revolução ali, mas o socego somente muito tempo depois voltaria, porque o sr. coronel Antonio Luiz não poude evitar que a pilhagem se repetisse, agora nos estabelecimentos commerciaes, que os boatos alarmantes proliferassem, que, afinal, subsistisse a insegurança e o malestar até o fim da campanha.

....

E' o que me occorre. O mais deve ficar para o historiador.

Seu am.º at. e obrig.

C. Livino de Carvalho